**Já aí está o Marx do nosso tempo!**

A tensão social é palpável. Menos para os economistas e os sociólogos e outros profissionais rotinados em lidar “objectivamente” com a conflitualidade. Os Estados preparam-se para se defenderem (policial e ilegalmente) para manterem a prioridade às suas alianças estratégicas com o capital financeiro e mediático, determinantes para oferecer pão e circo aos povos explorados e oprimidos. Os povos assanham-se: primeiro para sinalizar a ultrapassagem da linha vermelha. Uma vez consolidada a situação de facto da abolição da democracia (mesmo do ponto de vista subjectivo dos políticos de serviço), os povos auto-organizam-se contra os oligarcas, cada vez mais descarados mas também cada vez mais fora da toca (isto é, com a sua legitimidade transformada em telhados de vidro).

Mas o que é o Povo? Que Povo emergirá da acumulação de energia social em curso? Será o povo racista, à moda nazi-fascista? O Povo de esquerda, a investir na luta de classes? Ou outras formas de Povo inovadoras?

Nos anos setenta João Bernardo escreveu *Marx crítico de Marx*. Demonstrava como Karl Marx se imaginava do lado de uma burocracia, ao argumentar o seu *O Capital*. E que não foi Estaline ou sequer Lenin quem traiu a revolução proletária. A própria concepção de revolução proletária já era uma ideia que escondia (com o rabo de fora) as lógicas burocráticas que haveriam de vingar no século XX, tanto a Leste como no Ocidente.

40 anos depois João Bernardo, através do pequeno ensaio “Sobre a Esquerda e as Esquerdas” em Passapalavra, reforça a sua tese: “temos de partir quase do zero” para reconstruir a esquerda.

O que me faz confusão é porque será necessário reconstruir alguma coisa? Pareceu-me que grande parte do ensaio é a explicar as perversidades da esquerda real. Acabar a propor um projecto da sua reconstrução – para mais a partir do zero (mesmo que quase) – reclama uma explicação: vale a pena salvar o náufrago ou mais vale deixá-lo seguir o seu destino? Não haverá o risco de quem quiser salvar o náufrago se afogue com ele?

João Bernardo menciona a democracia revolucionária como objectivo e método. Mas o que isso quer dizer? Será uma democracia revolucionária burguesa, como aquela que hoje vivemos, em que a democracia se reduz ao voto numa vanguarda neoliberal manipuladora do Estado? Ou será uma democracia popular, como aquelas que jamais resistiram muito tempo sem revelarem o seu carácter burocrático, em tanto semelhante com o regime neo-liberal actual? E partiremos mesmo do zero para esta discussão prática? Ou, ao contrário, essa discussão está nas ruas já há alguns anos, nomeadamente através do Movimento de Justiça Global e no que alguns chamam os novíssimos movimentos sociais (na verdade, megamanifestações)?

Só posso responder por mim a estas perguntas, sabendo não ter respostas para elas: o novo messias intelectual já publicou e já foi traduzido para línguas ibéricas. O antropólogo David Greaber, activista dos Occupy, é o meu segundo ídolo político, em quase sessenta anos de vida, depois de Karl Marx. Embora ambos se refiram ao comunismo como modelo de sanidade social, são muito diferentes entre si.

O comunismo, em Marx, seria estruturado no futuro, criando o Homem Novo (o burocrata, conforme João Bernardo denunciou). Para Greaber o comunismo é parte da natureza social da espécie humana: é uma experiência quotidiana de todos os seres humanos – é a necessidade vital de confiar e dar aos mais próximos conforme as possibilidades e as necessidades.

Ambos se referem à mesma classe social: aos burocratas. Mas Marx refere-se a eles antes de terem evoluído de lacaios do capital para nova pequena burguesia (ou classe média), com larga representação social e proximidade com os trabalhadores braçais assalariados. Greaber imagina-os já constituídos em grosso e estrutura das sociedades moderna actuais (nas sociedades de consumo), sujeitos à perspectiva de genocídio de classe que a globalização lhes apresenta actualmente no horizonte.

Como se diz: os trabalhadores sempre viveram em crise. Os burocratas é que não: beneficiaram de seguranças existenciais formais para se manterem fieis ao Estado – e a seja quem for que nele mandasse (segundo a ideologia legalista e descomprometedora descrita por Hannah Arendt como *banalidade do mal*). Com a chinesização da globalização (e a hegemonia da noção de burocracia como oligarquia, como se passa na China) em vez de lugares para as massas na classe média, o processo de proletarização do superavit de burocratas tem vindo a produzir uma nova classe marginal e marginalizada de ex-lacaios e ex-burocratas e ex-classe média à procura de soluções práticas para evitar a perda de *status* na sociedade em devir.

A democracia revolucionária, informa-nos João Bernardo, não será construída pela esquerda herdeira do orgulho proletário, presa às políticas disciplinares do que restar do Estado Social e sem capacidade de combater o desemprego estrutural global. Será construída pela nova pequena burguesia marginal, mobilizadora da nova pequena burguesia globalmente marginalizada?

David Greaber não sabe. Mas empenha-se em mostrar que a história das lutas de classes não começou nem acabará com o estágio capitalista que temos vivido. É preciso reconhecer que há vida para lá do capitalismo (não tenham medo). E que a democracia e a dívida – como o comunismo – são experiências que podem ser encontradas na história da humanidade, muito para além dos duzentos ou quinhentos anos de história a que as ciências sociais reduziram os seus estudos.

Bibliografia:

João Bernardo (2014) “Sobre a Esquerda e as Esquerdas” <http://viasfacto.blogspot.pt/2014/05/quarta-e-ultima-parte-de-sobre-esquerda.html>

David Greaber (2011) *The Debt - the first 5000 years of history*, Melville House Publishing, New York.

<http://www.unwelcomeguests.net/archive/audiobooks/Debt,%20The%20First%205000%20Years/David%20Graeber%20-%20Debt,%20The%20First%205000%20Years.pdf>

em castelhano <https://docs.google.com/a/iscte.pt/file/d/0B14Synwe1mHzeGthNE1Va3RwSk0/edit>

David Greaber (2013) *Projecto Democracia, uma ideia, uma crise, um movimento*, Lisboa, Presença.